

Herculano e a emigração

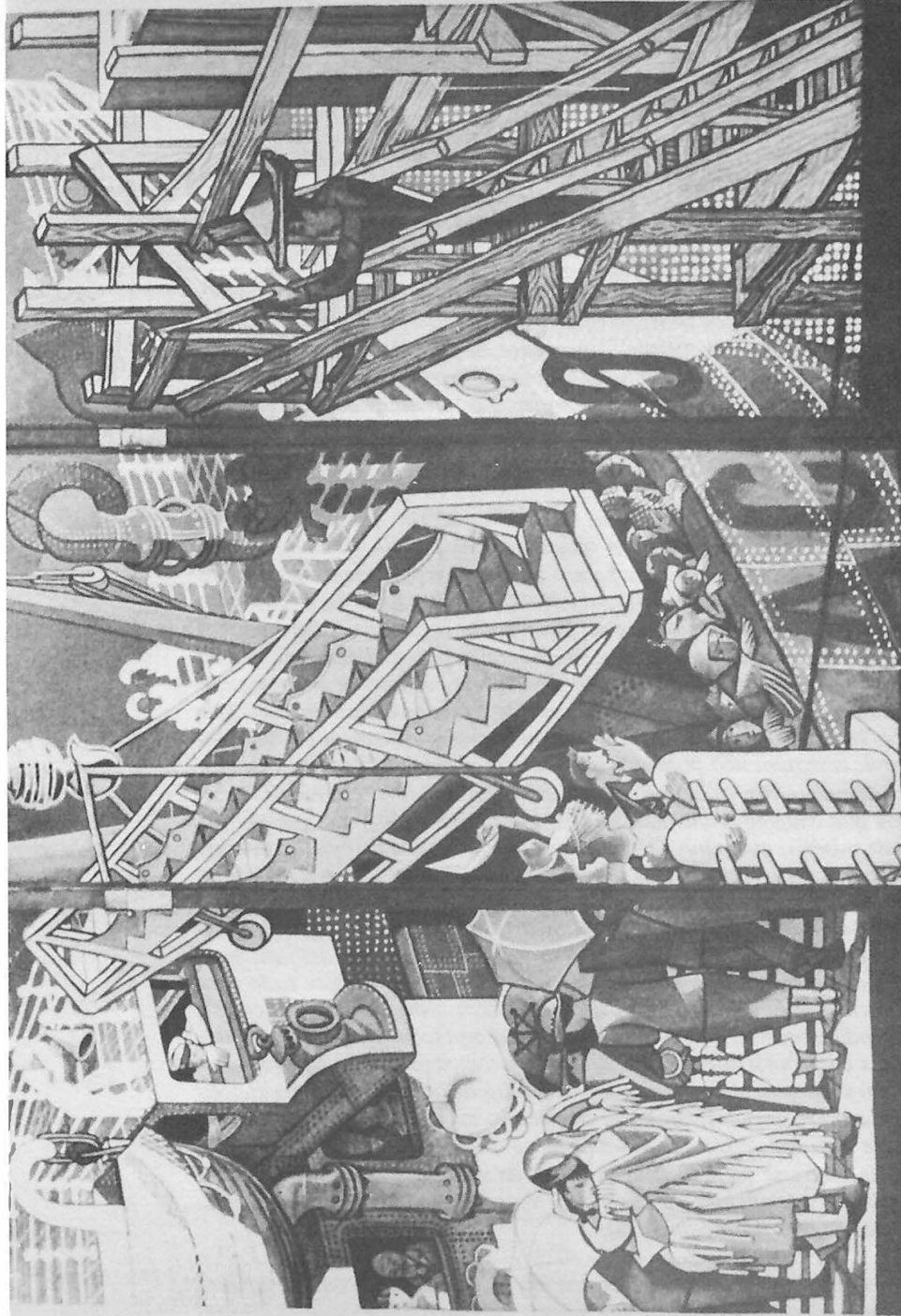
. . . Parece dar-se por provado que as dificuldades, mais ou menos graves, da nossa agricultura procedem unicamente da falta de braços, e da elevação dos salários, elevação que se pressupõe derivada exclusivamente dessa falta, e esta, não da insuficiência dos braços em relação a uma procura crescente, mas da sua diminuição por efeito da emigração, que se inculca, talvez por obscuridade de redação, como vulgar em todo o reino.

.....

Estou plenamente de acordo em que se empreguem todos os meios razoáveis e liberais, para promover um movimento da população do norte para as províncias do sul, especialmente para o Alentejo, e para reter na pátria as classes trabalhadoras dos distritos insulares. Mas o que não posso é sentir essa repugnância absoluta, esses terrores profundos, ilimitados, da emigração, e o desejo de obstar a ela só para obter salários baratos para a agricultura. A emigração é um fenómeno complexo nas suas causas, condições e resultados. Emigram uns por cálculos e previsões, ou próprios ou dos que os dirigem, pela esperança, bem ou mal fundada, de voltarem algum dia ricos ou abastados à aldeia natal; emigram, não porque não pudessem viver, trabalhando, vida modesta e tranqüila entre os seus, mas porque aspiram a mais elevada fortuna. Outros há que emigram violentados, ou antes que não emigram; que são expulsos pela miséria; que não calculam, nem esperam, nem deliberam; que tão somente se resignam. Entre estas duas situações há, a meu ver, um abismo: confundí-las quando se tentasse anular a última em benefício das vítimas, e não em proveito destes ou daqueles, conduziria provavelmente a grande desastrosos; confundí-las, porém, para as destruir com a mira de tirar daí vantagens para certa classe ou certa indústria, parece-me ainda pior. Faça-se tudo para suprimir a emigração forçada; mas evite-se também tudo o que possa coagir, direta ou indiretamente, aquele que sente em si ambições e audácia a sopitar os impulsos da própria atividade; evite-se que a sociedade ponha por qualquer modo o seu veto (sem aliás abdicar do seu direito de inspeção) a que a afeição paterna ou a previdência tutelar busquem, dentro ou fora do reino, tomar melhor a sorte futura daquele que a natureza ou a lei confiou à sua guarda. Nas questões de interesse privado, nos negócios da vida civil, dou incomparavelmente mais pelos resultados da sagacidade e do livre arbítrio dos indivíduos, do que pelos da intervenção do Estado.

.....

Não possuo aqui livros, documentos oficiais, ou informações particularizadas sobre a situação econômica dos nossos compatriotas residentes no Brasil, em que me possa estribar; mas tenho ouvido calcular a pessoas que reputo competentes o valor médio anual dos ingressos monetários, que nos traz o re-



ALMADA NEGREIROS

1933-1937

8 ESTUDOS PARA OS PAINÉIS DA GARA MARÍTIMA DA ROCHA CONDE DE OBIDOS

Técnica mista sobre papel 2,60 x 1,50 assinado, s/c

fluxo da emigração portuguesa na América, em mais de 3.000 contos de réis. Não sei se é verdade: o que sei é uma coisa, que, se não pertence à estatística econômica, pertence à estatística moral, e que não é menos eloqüente que os algarismos; sei um fato de suprema notoriedade. A denominação de brasileiro adquiriu para nós uma significação singular e desconhecida para o resto do mundo. Em Portugal, a primeira idéia, talvez, que suscita este vocábulo é a de um indivíduo, cujos característicos principais e quase exclusivos são viver com maior ou menor largueza e não ter nascido no Brasil; ser um homem que saiu de Portugal na puerícia ou na mocidade mais ou menos pobre, e que, anos depois, voltou mais ou menos rico. Esta noção vulgar da palavra brasileiro não surgiu sem motivo entre o povo. É que milhares e milhares de fatos lhe gravaram no espírito. O mineiro do século passado converteu-se no brasileiro dos nossos dias. São a primeira e a última palavra da história de uma evolução política e econômica altamente instrutivas, que poderia acaso resumir-se no seguinte asserto: a nossa melhor colônia é o Brasil, depois que deixou de ser colônia nossa.

.....
... Por via de regra, o emigrado espontâneo, aquele que a miséria não atira cegamente, brutalmente, para fora da pátria, sabe o que quer; sabe como vai e para onde vai. Conta com o parente, com o amigo da família, com o protetor que lhe hão de dar as recomendações que leva. É pobre, porém não desvalido. Impõem-lhe os seus, ou impõe ele a si próprio anos e anos de laboriosidade, de sacrifícios, de abstenções; mas, além desses anos, nos horizontes da vida, ergue-se uma luz, uma esperança que o alumia e fortifica. Esta luz e esta esperança ensinam-lhe a norma do seu proceder, e o seu procedimento redundará, não direi em toda a espécie de proveitos, mas decerto em proveito econômico dele e da terra que o viu nascer, e pela qual lhe vai redobrar o afeto o grande incentivo da ausência.

.....
Qual é, porém, o teor da vida, em geral, do português do Brasil, do futuro brasileiro de Portugal? É o forcejar incessante, pertinaz, por acumular capitais, reduzindo ao estritamente indispensável a satisfação das suas necessidades. Dedicar à prosperidade da indústria, da agricultura, ou do comércio daquelas regiões a menor parte que pode do fruto do seu trabalho. A sua idéia constante, inflexível, tenaz, é voltar rico, ou pelo menos abastado, à pátria. E volta. Se, cansado de sacrifícios e trabalho, que gosar, é à indústria, à cultura e ao comércio do seu país que atira às mãos cheias o ouro que ajuntou. Se a sede do ganho não se extinguiu nele, esse ouro converter-se-á em capital produtivo. E nós, nós que pregamos aos operários a abstenção, a poupança das suas tão modestas sobras para as acumularem nas caixas econômicas, havemos de combater a emigração voluntária para o Brasil, emigração que representa uma caixa econômica opulentíssima, a qual, por mais que se fizesse, todas as outras juntas nunca poderiam igualar?

.....
O progresso social parece-me consistir, sobretudo, na ampliação da responsabilidade individual derivando da liberdade. O absolutismo nada mais é do que a tutela pública na sua manifestação extrema. Na emigração forçada é

que seria injusto e cruel atribuir ao emigrado, que abandona o seu país sem norte, sem rumo certo, e muitas vezes sem a mínima esperança, a responsabilidade de um fato que em rigor não é seu. A sociedade tem de aceitá-la. Essa secreção de desgraçados, que o corpo político sua de si, é anormal. Há, aqui ou ali, na estrutura dele um vício de conformação ou um estado patológico que produz o fenómeno. A miséria de um ou de outro indivíduo pode derivar de culpa própria: a que expulsa uma parte notável da população de um país, onde esta, considerada coletivamente, está longe de superabundar, é sempre resultado de um defeito ou de uma perturbação nos órgãos da sociedade.

.....

... Supõe-se a agricultura do sul, sobretudo a do Alentejo, colocada em dificuldades tais que ameaçam a sua existência. Supõe-se que estas dificuldades extremas provêm de uma causa única – a elevação dos salários agrícolas, – e que essa elevação nasce exclusivamente da falta de braços. Em tal caso, a resposta ao *quid faciendum* é simples. Promova-se o abaixamento dos salários pela multiplicidade dos braços, e multipliquem-se os braços combatendo indistintamente toda a espécie de emigração: a emigração moral e economicamente nociva, e a emigração socialmente legítima e economicamente boa. A questão reduz-se a achar os meios de inventar e de reter dentro do país, por todos os modos que se reputem lícitos, trabalhadores rurais.

.....

... Supondo conhecida a medida dos salários rurais, o que não sei se é fácil, cumpriria examinar se essa medida será suficiente para o proletário ocorrer às mais urgentes precisões da vida – ao alimento, ao vestuário, e à habitação da família – ainda admitindo que o trabalho desta possa aumentar os recursos domésticos. Se achássemos que a retribuição do assalariado, embora assim acrescentada, não atingia o alvo, é evidente que às dificuldades, em que se provasse laborar a agricultura, haviam de buscar-se remédios diversos de qualquer redução artificial de salários. A sociedade não pode honestamente sacrificar uma classe a outra classe, e sobretudo sacrificar o pobre, falto muitas vezes do necessário, ao comparativamente abastado, a quem, embora em situação mais ou menos precária, será raro que lhe falte inteiramente o supérfluo.

Val-de-Lobos, dezembro de 1873/janeiro de 1874

HERCULANO, A. – A Emigração, (1873-1875), in *Opúsculos*, tomo IV – “Questões Publicas (III)”. Lisboa, Viuva Bertrand & C^a Successores Carvalho & C^a, 1879 pp. 105-292



Herculano foi Presidente de Honra do Real Gabinete, que possui na sua pinacoteca este retrato, de autoria de Rodrigues Filho. Lisboa, 1861), oferecido à Instituição pela Sociedade Madrepora.

ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e Araújo, natural de Lisboa, nasceu em 28 de março de 1810, no seio de uma família pequeno-burguesa urbana. Seu pai era um modesto funcionário administrativo (filho de um comerciante de trigo) e, do lado materno, descendia de uma família de mestres artesãos de Paço. Fez estudos irregulares no Colégio de S. Filipe de Nery, da Congregação do Oratório; na Academia Real de Marinha (1826) e cursou as Aulas de Comércio e Diplomática, esta na Torre do Tombo. Problemas econômicos familiares (o pai ficara cego) impediram-no de realizar estudos sistemáticos e de adquirir uma formação universitária. Entretanto, graças ao esforço pessoal, iniciou-se em escritores como Schiller (traduz o poema *Semana Santa*, c. 1828/30), Klopstock, Chateaubriand e mantém contato com Castilho, com a marquesa de Alorna e o movimento pré-romântico português. Envolvendo-se na política, foi perseguido pelo migueísmo, após a sua participação na insurreição liberal do Regimento 4 de Infantaria (1831), que o obrigou a exilar-se na Inglaterra. Rumou, em seguida, para a França, freqüentando as Bibliotecas de Rennes e Paris. Em 1832 seguiu para a Ilha Terceira (Açores) e integrou-se, como soldado raso (à semelhança de Garrett) da 3ª Companhia dos Voluntários da Rainha, na expedição que D. Pedro IV (1º do Brasil) fez desembarcar na praia de Pampelido, próximo do Mindelo. Entre 1833/36, exerceu o cargo de segundo bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto, demitindo-se em face da proclamação da Constituição de 1822. Em *A Voz do Profeta* (1836), protestou, em tom bíblico, contra a "demagogia" da Revolução de Setembro. Fixando-se na capital do Reino, redigiu a revista ilustrada *O Panorama* e, de janeiro a maio de 1838, dirigiu o *Diário do Governo*. No ano seguinte, foi nomeado diretor das bibliotecas reais da Ajuda e das Necessidades. Eleito deputado pelo Porto (1840/41), desenvolveu importantes trabalhos sobre a instrução pública. Deixando o Parlamento, intensificou a sua produção literária e científica e polemizou com o clero, já que o rigor da sua crítica histórica demolira uma série de credências e tradições infundadas, como a lenda do "milagre" de Ourique. Na oposição do governo de Costa Cabral, assinou (1850) o manifesto dos intelectuais contra a "Lei das Rolhas", que atentava contra a liberdade da imprensa. Figurando entre os artífices da revolta que derrubou o cartismo cabralista e iniciou a Regeneração (1851), passou novamente à oposição, através dos jornais *O País* (1851) e *O Português* (1853). Neste ano, foi eleito presidente da Câmara de Belém e, a partir de 1855, assumiu a vice-presidência da Academia das Ciências de Lisboa, depois de haver viajado durante dois anos pelo país, recolhendo elementos para os *Portugaliae Monumenta Historica*. Princípios políticos que o incompatibilizaram com o guarda-mor da Torre do Tombo, levaram-no a suspender (1855-57) as suas pesquisas nesse local, que era o seu principal laboratório. Em 1857, opôs-se à concordata negociada com a Santa Sé, pelas restrições que impunha ao direito do Padroado português no Oriente. De 1858-1860, fez parte do Conselho de Sintra, o que seria o último ato da sua ativa participação na política. Aliás, já em 1854, parecia preparar a sua retirada, ao alugar do duque de Palmela a propriedade do Calhariz, onde iniciou a prática dos seus projetos agrícolas. Em 1860, quando governava o Partido Progressista Histórico, integrou a Comissão Revisora do Código Civil, da qual reestariam polémicas reunidas nos *Estudos sobre o Casamento Civil* (1865). Em 1861, recusou a nomeação para a Câmara dos Pares, feita por D. Pedro V. Mágoas e desilusões diante da inviabilidade do Portugal liberal com o qual sonhara, fizeram-no afastar-se do cenário político. Em 1866, casou com D. Mariana Hermínia Meira e retirou-se para uma quinta que adquiriu (1859) em Vale de Lobos (Azoia, Santarém), onde passou os dez últimos anos de sua vida, dedicando-se à agricultura e preenchendo as horas de lazer com a coletânea de artigos e estudos dispersos e uma ampla correspondência, destacadamente com Oliveira Martins. No seu retiro morreu, em 13 de setembro de 1877, este "burguês dos quatro costados", em decorrência de uma pneumonia que contraía numa viagem realizada à Lisboa, em retribuição à visita que D. Pedro II, Imperador do Brasil, lhe fizera em Vale de Lobos. Seu mausoléu encontra-se no Mosteiro dos Jerónimos.

Encaradas como grandes movimentos de população, mais ou menos constantes, para fora das fronteiras metropolitanas, a emigração e a colonização são dois elementos que se confundem dentro do processo expansionista português.

Como observa Joel Serrão, “se, obviamente, de um ponto de vista estritamente lógico, emigrante é género do qual colonizador é espécie, reservemos esta última denominação, num aspecto de natureza sociológica, para o indivíduo que abandona o solo pátrio com destino a uma colônia, e devido à iniciativa do Estado ou integrado em empresa de âmbito nacional por ele promovida. E chamemos emigrante tão-só àquele que resolveu abandonar o País por motivos pessoais, livremente concebidos, independentemente de solicitações oficiais e até, muitas vezes, em oposição a estas” (1).

Todavia, seja qual for a forma que tenha assumido, independentemente da espécie que tenha constituído, a emigração portuguesa é um fenómeno estrutural incorporado à vida da nação, sobrevivendo ao término da expansão, cuja fase colonizadora iniciara-se na Madeira, por volta de 1425. Da ocupação das Ilhas atlânticas à transformação do Brasil numa empresa produtiva; da conquista da Guiné à colonização efetiva da África em fins do século XIX; da penetração na Índia, China, Japão e Oceania à abertura de novos centros de



(1) SERRÃO, Joel, “Emigração”, in *Dicionário de História de Portugal*, vol. II. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1965 p. 20

atração de mão-de-obra nos Estados Unidos, arquipélago do Havai, Canadá, Austrália, França e Alemanha, desenvolve-se este drama, que tantas marcas tem imprimido na “psykhé” do povo português, levando-o a buscar desesperadamente, desde então, a coincidência consigo mesmo.

Não é nossa intenção ofuscar os pontos positivos dos descobrimentos e da empresa colonizadora, nem tampouco ressuscitar a conhecida tese do Herculano liberal dos primeiros tempos que, burguesmente envolvido pelo seu municipalismo e centrando a sua análise no advento do absolutismo moderno, acabou por supervalorizar a “variedade” medieval em oposição à “unidade absoluta” da “decadente” época renascentista. (2). Observe-se, entretanto, que a emigração portuguesa, com intensidade proporcional a que hoje observamos (3), encontra as suas raízes na expansão, no exato momento em que Portugal começou a perder a sua fisionomia européia ao abrir-se para o mundo. A perfeita caracterização do problema ocorreu no “período em que o colono se transformou em emigrante”, no instante “em que o País perdeu o sentido dos vitais ritmos europeus, sobretudo a partir do desencadeamento da Revolução Industrial, nos fins do século XVIII” (4).

É certo, portanto, que a expansão em si mesma não pode ser responsabilizada por este estado de coisas, mas tão somente a debilidade da estrutura econômica que, conjugada com outros fatores, problematizou a enfermidade do corpo social. Tanto a ordem clerical-nobiliárquico-mercantilista quanto a oligarquia fundiário-bancária que se sucederam no Poder, não puderam e não quiseram equacionar objetivamente o problema da “sangria” demográfica, acomodando-se às facilidades de acionar a importante válvula de escape que é a emigração, sempre que o agravamento da situação econômica aumentasse a tensão social. E interferências progressistas, como as de Mousinho da Silveira e outros, acabaram por se tornar inúteis.

O colono aventureiro, o emigrante ambicioso, o exilado da miséria e o desterrado político constituem uma galeria de tipos que atingiram a glória ou se perderam no anonimato, que alcançaram a fortuna ou sucumbiram na luta pela sobrevivência em terra estranha. Mas há também o drama dos que ficaram. A expansão fez de Portugal — no passado remoto e num passado recente — “um país de viúvas” e a emigração contemporânea criou outros problemas sociais, como, por exemplo, a orfandade de pais vivos em lares desfeitos.

A história é quase sempre a mesma:

As possibilidades de vitória em solo pátrio são pequenas. A terra já tem dono, o mercado de trabalho no meio urbano é escasso e as barreiras sociais são imensas. Aqui e ali há o exemplo do tio “americano” ou do primo “brasileiro” que arriscou e venceu. E, ainda imberbe, lá se vai o garoto na terceira

(2) HERCULANO, A., “Cartas sobre a História de Portugal”, in *Opúsculos*, tomo V. Lisboa, 1881 p. 130

(3) *Em Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Arcádia, 1975, p. 45, Vitorino Magalhães Godinho estima em mais de 2.700.000 o número de portugueses da Metrópole e Ilhas Adjacentes emigrados para o estrangeiro e o Ultramar, entre 1866-1966, descontados os retornados.

(4) SERRÃO, Joel, *Emigração Portuguesa — Sondagem Histórica*. Lisboa, s/d p. 110

classe do “Groix”, do “Serpa Pinto” ou do “Vera Cruz”, com o corpo cheio de energia e a mente repleta de sonhos. A dor da despedida, a excitação diante do desconhecido, o trabalho árduo, as privações e uma saudade cortante — na qual a figura da mãe recebe um culto quase místico — são etapas de uma penosa jornada. Uma esperança o anima — a volta. Deseja alardear o sucesso obtido pelos seus próprios méritos e, muitas vezes, acalenta a esperança de um dia afrontar com a sua prosperidade todos aqueles que lhe haviam humilhado. Enquanto esse dia não chega, é na casa regional que vai buscar o reencontro com as coisas da sua aldeia: a troca de recordações com velhos amigos, o bom vinho, a cozinha típica e todo o folclore musical.

Chegado, finalmente, o grande momento, ele retorna. Emociona-se, esquece os antigos ressentimentos, diverte-se mas, via de regra, mesmo satisfazendo o antigo capricho de adquirir alguma propriedade, acaba por voltar à sua nova pátria, ao convívio das novas amizades e ao seio do núcleo familiar que ele mesmo criou. Ei-lo — para usar uma colocação de Albert Memi — dilacerado entre aquilo que fora, aquilo que gostaria de ter sido e o que é na realidade. Além disso, a pátria que deixara, e com a qual sonhara a vida inteira, não existia mais. Ambos mudaram, e é então que ele se apercebe de que a sua nostalgia envolvia dois elementos complexos, dois cortes existenciais que se combinaram e se confundiram em dado momento da sua vida: a brusca ruptura na transição de uma juventude despreocupada para a responsabilidade imposta pelas duras realidades da idade adulta, e o amadurecimento forçado decorrente do desligamento da terra onde nascera e se criara. E o português, filho de uma nação que transborda as fronteiras nacionais, acaba por resignar-se à procura da coincidência consigo mesmo dentro da capacidade de anular-se, de transfigurar-se e assumir a identidade de todos os povos, sem nunca desligar-se totalmente das suas raízes.

Retratada na arte de Malhoa, de Almada Negreiros, de Soares dos Reis, de Isolino Vaz; cantada em prosa e verso, desde os cronistas quinhentistas até Olga Gonçalves (*A Floresta em Bremerhaven* , 1975), passando por Ferreira de Castro, o primeiro a revelar com vigor a tragédia do emigrante mal sucedido (*Emigrantes*, 1928); analisada por Oliveira Martins, Bento Carqueja, Ezequiel de Campos, Jaime Cortesão e Orlando Ribeiro, a emigração portuguesa é um tema que ainda não esgotou todas as suas possibilidades literárias, seja na exploração do passado, seja na revelação das novas formas que revestem este drama na atualidade. Também sob o ponto de vista científico, não possui ainda uma sólida visão de conjunto, com o perfeito manejo dos dados econômicos e sociais nas dimensões espacial e temporal e através de um estudo profundo das mentalidades, aproveitando, inclusive, as fontes literária.(5)

Desta forma, e em virtude da atualidade do tema, é que consideramos válida a transcrição de algumas passagens que ilustram a posição de Herculano diante de um assunto que motivou polémica de âmbito nacional, em fins do século passado. Reunidas no vol. IV dos *Opúsculos*, as reflexões de Herculano sobre a emigração portuguesa constam de uma série de cartas escritas, a

(5) O trabalho de Joel Serrão, apesar de resumido, é uma utilíssima tentativa de abordagem histórico-estrutural, com rica bibliografia.

maioria, no seu retiro de Vale de Lobos, entre dezembro de 1873 e março de 1875, tendo como ponto de partida a resposta a um questionário que lhe fora apresentado para servir de base a debates na Associação Agrícola de Lisboa. (6)

Contrariando o hábito de basear todos os seus pareceres em alentadas pesquisas, Herculano deu-nos aqui uma série de “reflexões ao correr da pena”, sem o peso da argumentação característica das suas obras históricas, mas de extraordinário valor pela lucidez com que pôs a descoberto uma série de interesses econômicos envolvidos na campanha pela restrição oficial à emigração, que era responsabilizada pela elevação dos salários agrícolas:

A emigração da miséria deve combater-se, não porque o agricultor vê nisso, bem ou mal, o seu interesse, mas porque o emigrante é, como nós, filho desta terra; porque a emigração forçada tem para o coração humano as mesmas amarguras do desterro; porque ao cabo das esperanças do foragido (quando para ele exista a esperança) estão muitas vezes as desilusões e a morte. (7)

Esta colocação de Herculano foi distorcida por Ramalho Ortigão que, talvez, irritado com a sua condição de “homem médio” (8), fez da sua crítica à primeira carta de Herculano um instrumento de agressão pessoal, num tom profundamente irônico. Todavia, ao menos em um ponto, parece-nos bastante procedente a sua observação de que – ao contrário do pensamento de Herculano – não era, de um modo geral, “à indústria, à cultura e ao comércio do seu país que o brasileiro atira às mãos-cheias o ouro que ajuntou”, pois este se perde no ócio e na ostentação: “O português – escreveu Ramalho Ortigão – só chega a denominar-se brasileiro quando não traz para Portugal senão a sua ociosidade e os juros do seu dinheiro, quase nunca os seus capitais” (9). Esta idéia é corroborada pelo **Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa** (Lisboa, 1873, p. 9): “. . . se lançar-mos a vista sobre as cidades, vilas e aldeias, ali encontramos palácios sumptuosos, casas elegantes, casais cómodos, tudo edificado com o dinheiro que os emigrados de ontem trouxeram da emigração”.

É interessante observar como Herculano, antes de tudo um historiador, não conferiu à sua análise uma larga dimensão histórica. Por outro lado, embora sentisse a enfermidade de todo o corpo social, concentrou a sua atenção num único setor da vida econômica, talvez em virtude da maneira como foi colocado inicialmente o problema e dos conhecimentos práticos que acumulara na atividade rural. Com relação a isto, é importante lembrar que “as causas da emigração não devem ser procuradas num setor em crise ou numa região

(6) Anteriormente, Herculano já abordara a questão sobre “A emigração para o Brasil”, no *Diário do Governo* de 12 e 13 de janeiro de 1833.

(7) HERCULANO, A., *Opúsculos*, tomo IV. Lisboa, 1879 p. 135

(8) SARAIVA, António José; LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 2ª ed. Porto, s/d p. 795

(9) ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas*, tomo X. Lisboa, 1953 p. 83 (janeiro de 1874)

desfavorecida, mas nas estruturas da sociedade portuguesa, em todos os setores económicos e na política económica seguida” (10).

De qualquer forma, a saída que encontrou para o problema está presa à sua idéia de elevação do padrão de vida do campesinato, através da ênfase (veja-se também, a questão em torno de “Os Vinculos”, in **Opusculos**, tomo IV, pp. 1-104), pela qual os assalariados passariam à condição de pequenos proprietários.

Este meio consiste em promover energicamente a associação do trabalho rural com a propriedade rústica, de modo que o produto líquido do trabalho acumulado e incorporado no solo, a que chamamos renda, supra a flutuação do quantum e a incerteza do salário. É preciso dirigir todas as diligências para a supressão do trabalho rural. É preciso que os obreiros-proprietários se tornem cada vez mais numerosos, e que sejam os verdadeiros representantes do trabalho agrícola, assalariado ou não assalariado. (11).

Aliás, é pouco antes dessa passagem que Joaquim Barradas de Carvalho localiza o único momento na vasta obra de Herculano em que ele “dá pelas limitações que põe ao seu liberalismo económico” (12):

Podem as leis, as instituições, a crescente ilustração do país favorecer as tendências em tal sentido: mas a sociedade tem de parar, nestes assuntos, diante do alvedrio e da responsabilidade individuais. Não se legisla o progresso.

Ao terminar estas brevíssimas considerações, gostaríamos apenas de chamar a atenção do leitor para a maneira peculiar com que Herculano sente o drama do emigrante, em decorrência das marcas que lhe deixaram o exílio de 1831: “Herculano aquece, pois, ao calor da lembrança das suas vicissitudes pessoais, todas as situações semelhantes em frente das quais é posto, — banimentos de origem vária, desde o primeiro e elementar do homem expulso dos céus ao do emigrante acoitado pelas necessidades económicas.” (13)

Em 1828, à distância, Herculano sensibilizou-se com a sorte dos primeiros exilados. Depois, em Plymouth, Rennes e Paris, foi a sua vez de sentir na própria alma o amargor da saudade.

*Mendigos vão pedir, pedir a estranhos,
Um pão de infamia eivado.
(A Semana Santa, 1829)*

FRANCISCO LUIZ BORGES SILVEIRA

(10) ALMEIDA, Carlos; BARRETO, António; KRIEGER, Line; PETITAT, André, *L'Émigration Portugaise (1957-1966)*. “Mémoires d'Économie Sociale” sous la direction de M. le Prof. J. I. Bergier. Université de Genève, Janv. 1968, pág. dat. 122. Cit. e trad. por Joel Serrão.

(11) HERCULANO, A., *Opusculos*, tomo IV, p. 185

(12) CARVALHO, J. Barradas de, *As Idéias Políticas e Sociais de Alexandre Herculano*. Lisboa, 1949 p. 57

(13) NEMÉSIO, Vitorino, *Exilados (1828-1832)*. Lisboa, s/d (1947) p. 83

BIBLIOGRAFIA DE HERCULANO

- **A VOZ DO PROFETA.** Ferrol, 1836 (Novembro) 35 pp.
2ª série: Lisboa, Typ. Patriótica de Carlos José da Silva e Companhia, 1837 32 pp.; 2ª ed. Porto, Imprensa de Álvares Ribeiro, 1837 35 pp.; reimpressão no Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1837 212 pp.
- **A HARPA DO CRENTE: Tentativas poéticas pelo auctor da Voz do Propheta.** Lisboa, na Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1838 120 pp.
- **DA ESCHOLA POLYTECHNICA E DO COLLEGIO DOS NOBRES.** Lisboa, na Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1841 19 pp.
- **O CLERO PORTUGUEZ.** Lisboa, Typ. do Constitucional, 1841 16 pp.
- **O MONASTICON**, tomo I — **EURICO O PRESBYTERO.** Lisboa, na Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1844 VIII-321 pp.
Trad. alemã: Eurich, der priefter der Gothen, von Alexandro Herculano. Aus dem Portugiesischen übersekt von G. Heine. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1847 VIII-184 pp.; edição recente, nas "Obras Completas", com introdução e rev. de Vitorino Nemésio e notas de Maria Helena Lucas (Lisboa, Livraria Bertrand, 1972 L VIII-325 pp.); há uma edição brasileira, com apresentação de Antônio Soares Amora (Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966 224 pp.). As primeiras reedições portuguesas são de 1847 e 1854, sendo de 1867 uma reedição em português de Leipzig, F. A. Brockhaus, VIII-271 pp. Há tradução espanhola (Barcelona, 1845) e traduções francesas (Paris, 1883 e 1888), além de uma edição brasileira precedida de apreciação literária de J.M. Velho da Silva (Rio de Janeiro, Empresa Industrial, 1877 XV-287 pp.).
- **OS INFANTES EM CEUTA (1415).** Drama lyrico em um acto, composto expressamente para ser cantado na Academia Philarmonica de Lisboa, em a noite de 28 de março de 1844, aniversario da sua installação. A musica pelo Sr. A. L. Miró, o texto pelo Sr. A. Herculano. Lisboa, Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1844 34 pp.
- **HISTÓRIA DE PORTUGAL.** 4 tomos, Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand e Filhos, 1846-1847-1849-1853 XIV-518, 514, 455 e XIX-488 pp. (foi dedicada a Sua Alteza Real o príncipe D. Pedro).
Depois de uma análise introdutória, focaliza os fatos político-jurídicos, desde a invasão muçulmana até 1279, deixando o estudo da sociedade para os dois últimos livros (7 e 8). Estaria por editar um 5º tomo, que se occuparia de aspectos financeiros da época focalizada. Modificada a partir da 2ª edição (tomo 2, 1854); tem hoje, na nona edição definitiva, dirigida por David Lopes e Pedro de Azevedo, a mais completa reprodução (Lisboa, Livraria Bertrand, 8 tomos).
- **O MONASTICON**, tomos II e III — **O MONGE DE CISTER OU A EPOCHA DE D. JOÃO I.** 2 vols. Lisboa, em Casa de Viuva Bertrand e Filhos, 1848 XIV-311 e 380pp.
Edição port. de Leipzig, F. A. Brockhaus, 1867 306 pp.; ed. brasileira, O Monge de Cister ou A Época de D. João I, com apresentação de Antônio Soares Amora (Rio, Edições de Ouro, 1966 364 pp.)
- **POESIAS.** Lisboa, Em Casa da Viuva Bertrand e Filhos, 1850 326 pp.
Contém: "A Harpa do Crente", "Poesias varias" e "Versões", que reúnem composições dispersas em periódicos, como o "Panorama", "Ilustração", "Revista Universal", "Mosaico", bem como o pequeno drama lírico Os Infantes em Ceuta, que fora impresso separadamente em 1844.
- **EU E O CLERO.** Carta ao Em.^{mo} Cardeal-Patriarcha. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1850 20 pp.
- **CONSIDERAÇÕES PACIFICAS SOBRE O OPUSCULO "EU E O CLERO".** Carta ao redactor do periodico — A Nação. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850 18 pp.

- **SOLEMNIA VERBA.** Cartas ao senhor A. L. Magessi Tavares sobre A Questão actual entre a verdade de uma parte do clero. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850 68 pp.
- **CARTAS AO MUITO REVERENDO EM CHRISTO PADRE FRANCISCO RECREIO . . . POR UM MORIBUNDO.** Lisboa, Typ. de Castro & Irmão, 1850 16 pp.
- **LENDAS E NARRATIVAS.** 2 tomos, Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand e Filhos, 1851 X-306 e 327 pp.
Contém: tomo I — "O Alcaide de Santarém", "Arrhas por foro de Hespanha", "O Castello de Faria" e "A Abobada"; tomo II — "A Dama pé de Cabra", "O Bispo negro", "A morte do Lidador", "O Parocho da Aldêa", "De Jersey a Granville". Trad. esp. da 4ª ed. port., por Salustiano Rodriguez-Bermejo: Leyendas y Narraciones. I — El párroco de aldea. II — De Jersey á Granville. Madrid, Imprenta de Fortanet, 1883 235 pp. A 18ª ed. foi dirigida por David Lopes (Lisboa, Livraria Bertrand, s/d), e a mais recente pertence às "Obras Completas" (2 tomos, 2ª ed. Lisboa, Livraria Bertrand, 1974 XXI-269 e 328 pp.), com prefácio e rev. de Vitorino Nemésio. Antônio José Saraiva organizou uma Seleção de "Lendas e Narrativas", publicada na "Coleção Minerva — Série Alfa", nº 2. Lisboa, Livraria Studium Editora, 1949 112 pp.
- **ALMANAK DEMOCRATICO PARA 1852** — Collaborado por A. F. de Castilho, A. Herculano (e outros). Lisboa, Typographia Social, 1851 160 pp.
Também no "Almanak" para 1854. Lisboa, Typographia Universal, 1853
- **A BATALHA D'OURIQUE E A SCIENCIA ARABICO-ACADEMICA.** Carta ao redactor da Semana. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851 30 pp.
- **DA PROPRIEDADE LITTERARIA E DA RECENTE CONVENÇÃO COM FRANÇA.** Carta ao Senhor Visconde d'Almeida-Garrett. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851 34 pp.
- **MEMORIA SOBRE A ORIGEM PROVAVEL DOS LIVROS DE LINHAGENS.** Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1854 15 pp.
- **DA ORIGEM E ESTABELECIMENTO DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL. TENTATIVA HISTORICA.** 3 tomos, Lisboa, Imprensa Nacional, 1854-1855-1859 XV-286, 343 e 333 pp.
A 8ª edição foi dirigida por David Lopes, levando o título História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 tomos, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, s/d), que foi mantido na ed. das "Obras Completas" (Lisboa, Livraria Bertrand, 1975, 2 tomos, CXXXVIII-321 e 322 pp.), que teve rev. de Vitorino Nemésio, introdução de Jorge Borges de Macedo e verificação do texto por António C. Lucas.
- **A DISSOLUÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL DO CONSELHO DE BELEM.** Lisboa, Typographia do Progresso, dez. 1855 17 pp.
- **A REACÇÃO ULTRAMONTANA EM PORTUGAL, OU A CONCORDATA DE 21 DE FEVEREIRO.** Lisboa, na Typ. de José Baptista Morando, 1857 XI-56 pp.
- **AO PARTIDO LIBERAL PORTUGUEZ A ASSOCIAÇÃO POPULAR PROMOTORA DA EDUCAÇÃO DO SEXO FEMININO.** Lisboa, Imprensa União-Typographica, 1858
- **O ALCAIDE DE SANTAREM.** (950-961) Lisboa, (Rua da Atalaia n. 43 - 1º andar), s/d 39 pp.
Publicado originalmente na "Ilustração" (1846).
- **ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA EM MCCCCXCVII.** 2ª ed. correctea e augmentada de algumas observações principalmente philologicas por A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva. Lisboa, Imprensa Nacional, 1861 XLIII-180 pp.
- **O FRONTEIRO D'AFRICA OU TRES NOITES ASIÁGAS.** Drama historico portu- guez em tres actos. Rio de Janeiro, Typographia — Economica — de J. J. Fontes, 1862 52 pp.

- **O CASAMENTO CIVIL.** Explicado por A. Herculano ou os Hypocritas desmascarados. Porto, Imprensa Popular de J. L. de Sousa, 1865 16 pp.
- **CASAMENTO CIVIL.** Carta dirigida ao *Jornal do Commercio*. (Lisboa), s/d 6 pp. (a Carta é datada de 1 de Dezembro de 1865)
- **ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL.** Por ocasião do opusculo do sr. Visconde de Seabra sobre este assumpto. Lisboa, Typographia Universal, 1866 175 pp.
- **CASAMENTO CIVIL.** (4 cartas). Lisboa, Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1866 12-12-12-11 pp.
- **OPUSCULOS.** tomo I — **Questões Publicas** (I). Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand & Cª, 1873 297 pp.
Contém: Advertencia previa, "A voz do propheta" (1837), "Theatro, moral, censura" (1841), "Os egressos" (1842), "Da instituição das caixas economicas" (1844), "As freiras de Lorvão" (1853), "Do estado dos archivos ecclesiasticos do reino" (1857) e "A supressão das conferencias do Casino" (1871).
- tomo II — **Questões Publicas** (II). Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand & Cª, 1873 337 pp.
Contém: "Monumentos patrios" (1838), "Da propriedade litteraria" (1851) e "Appendice" (1872), "Carta á Academia das Sciencias" (1856), "Mousinho da Silveira" (1856), "Carta aos eleitores do circulo de Cintra" (1858), "Manifesto da Associação Popular promotora da Educação do Sexo Feminino" (1858).
- tomo III — **Controversias e Estudos Historicos** (I). Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand & Cª, 1876 332 pp.
Contém: "A batalha de Ourique: I. Eu e o clero (1850), II. Considerações pacificas (1850), III. Solemnia verba (1850), IV. Solemnia verba (1850), V. A sciencia arabico-academica (1851)"; "Do estado das classes servas na Peninsula, desde o VIII até o XII seculo" (1858).
- tomo IV — **Questões Publicas** (III). Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand & Cª, 1879 292 pp.
Contém: "Os vinculos" (1856) e "A emigração" (1870-1875).
- tomo V — **Controversias e Estudos Historicos** (II). Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand & Cª, 1881 315 pp.
Contém: "Historiadores portuguezes: Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azuara, Vasco Fernandes de Lucena, Ruy de Pina, Garcia de Rezende" (1839-1840); "Cartas sobre a historia de Portugal" (1842), "Resposta ás censuras de Vilhena Saldanha" (1846), "Da existencia ou não existencia do feudalismo em Portugal" — Esclarecimentos: A. "Sortes gothicas", B. "Feudo" (1875-1877).
- tomo VI — **Controversias e Estudos Historicos** (III). Lisboa, em Casa da Viuva Bertrand & Cª, 1884 322 pp.
Contém: "Uma Villa-nova antiga" (1843), "Cogitações soltas de um homem obscuro" (1846), "Archeologia portugueza: Viagem do cardeal Alexandrino; Aspecto de Lisboa; Viagem dos cavalleiros Tron e Lippomani" (1841-43); "Pouca luz em muitas trevas" (1844); "Apontamentos para a historia dos bens da coroa e dos foraes" (1843-1844).
- tomo VII — **Questões Publicas** (IV). Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão — Editores, 1898 286 pp.
Contém: Advertencia, "Duas epochas e dous monumentos ou A Granja Real de Mafra" (1843), "Breves reflexões sobre alguns pontos de economia agricola" (1849), "A Granja do Calhariz" (1851), "Projecto de decreto" (1851), "O Paiz e a Nação — artigos publicados no jornal O Paiz" (1851), "Representação da Camara Municipal de Belem ao Governo" (1854), "Representação da Camara Municipal de Belem ao Parlamento" (1854), "Projecto de Caixa de Socorros Agricolas" (1855), "Sobre a questão dos foraes" (1858).

tomo VIII – **Questões Publicas** (V). Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão – Editores, 1901 301 pp.

Contém: Advertencia, “Da pena de morte” (1838), “A Imprensa” (1838), “Da Eschola Polytechnica e do Collegio dos Nobres” (1841), “Instrucção publica” (1841), “Uma sentença sobre bens reguengos” (1842), “A Eschola Polytechnica e o monumento” (1843), “Um livro de V. F. Netto de Paiva” (1843).

tomo IX – **Litteratura** (I). Lisboa, Antiga Casa Bertrand – José Bastos & C^a, Livraria Editora, 1907 281 pp.

Contém: Advertencia, “Qual é o estado da nossa litteratura? Qual é o trilho que ella hoje tem a seguir? – Repositorio Litterario” (1834), “Poesia: Imitação, Bello, Unidada – Repositorio Litterario” (1835), “Origens do theatro moderno – Theatro portuguez até aos fins do século XVI” (Panorama, 1837), “Novellas de cavallaria Portuguezas” (Panorama, 1838-1840). “Historia do Theatro Moderno – Theatro Hespanhol” (Panorama, 1839), “Crenças populares portuguezas ou Superstições populares” (Panorama, 1840), “A Casa de Gonsalo – Comedia em cinco actos” – Parecer (Memorias do Conservatorio, 1840), “Elogio historico de Sebastião Xavier Botelho” (Memorias do Conservatório, 1842), “D. Maria Telles – Drama em cinco actos” – Parecer (Memorias do Conservatório, 1842), “D. Leonor d’Almeida, Marquiza d’Alorna”.

tomo X – **Questões Publicas** (VI). Lisboa, José Bastos & C^a – Livraria Editora, 1908

Contém: “A reacção ultramontana em Portugal ou a concordata de 21 de fevereiro” (1857), “Analyse da sentença dada no juizo de primeira instancia na villa de Santarem ácerca da herança de Maria da Conceição”, “As heranças e os institutos pios”.

– **CARTA DO SR. ALEXANDRE HERCULANO RESPONDENDO À SOCIEDADE REAL DE AGRICULTURA EM LISBOA**, anotada com observações pelo Dr. José Rodrigues de Mattos. Lisboa, Typographia Universal, 1874 36 pp.

– **O BOBO**. Lisboa, Viuva Bertrand & C^a, 1878

Romance publicado originalmente em O Panorama – Jornal Litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. vol. 2^o – Serie 2^a Lisboa, na Typographia da Sociedade, janeiro/dezembro de 1843 p. 10 e ss.. Há uma contrafacção brasileira, editada sem autorização do autor : O Bobo (1128). Rio de Janeiro, Livraria Popular, 1866 318 pp. Vitorino Nemésio prefaciou uma ed. ilustrada por Lima de Freitas (Lisboa, Livraria Bertrand, s/d XII-183 pp.), incumbindo-se também do pref. e revisão nas “Obras Completas” (Lisboa, Livraria Bertrand, 1972 XXVI-292 pp.).

TYPOS PORTUGUESES – O GALLEGO. Rio de Janeiro, Editor-Alfarrabista Brasileiro – Rodrigues de Paiva & Comp., 1895 14 pp. (public. orig. ,abril de 1855).

– **COMPOSIÇÕES VARIAS**. Lisboa, Aillaud, Alves, Bastos & C^a, Editores, s/d (1910) 271 pp.

Contém: “Conversão dos godos ao Catholicismo”, “Instrucção publica” (1838), “Da educação e instrucção das classes laboriosas” (1838), “Aristocracia hereditaria”, “Jurados” (1838), “Tumultos d’Evora” (1839), “A questão de Salvaterra”, “A padeira d’Aljubarrota” (1839), “D. Francisco Manuel de Mello” (1840), “Do Christianismo” (1839-1843), e “Memoria sobre a origem provavel dos Livros de Linhagens” (1853).

– **TRECHOS LITTERARIOS DE ALEXANDRE HERCULANO E CARTAS DO MESMO E DE OUTROS ESCRIPTORES ILLUSTRES A GUIOMAR TORREZÃO**. Coleccionadas, publicadas e editadas por sua irmã, com prefacio por Dr. Armelino Junior. Lisboa, Typographia Leiria, 1910 pp. 9-42.

– **CARTAS DE A. HERCULANO**. 2 tomos. Lisboa, 1911.

– **CENAS DE UM ANO DA MINHA VIDA E APONTAMENTOS DE VIAGEM**. Coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio. Lisboa, Livraria Bertrand, 1934

Livro póstumo, reeditado nas "Obras Completas": Cenas de Um Ano da Minha Vida. Poesia e Meditação (1831-1832). Apontamentos de Viagem (1853-1854). Prefácio e notas de Vitorino Nemésio. Lisboa, Livraria Bertrand, 1973 LVII-260 pp.

- **CARTAS INÉDITAS DE ALEXANDRE HERCULANO A JOAQUIM FILIPE DE SOURE**, publicadas e comentadas por Luís Silveira. Lisboa, Fernandes & Cª Ltda., 1946 181 pp.
- **UMA COLEÇÃO DE CARTAS DE ALEXANDRE HERCULANO**, colig. por J.J. Gomes de Brito, 1949
- **CARTAS DE VALE DE LOBOS AO 3º DUQUE DE PALMELA E A JOSÉ CÂNDIDO DOS SANTOS**. Prefaciadas e anotadas por Vitorini Nemésio. 3 vols. Lisboa, Livraria Bertrand, s/d (1952-3)

Edições:

- **CHRONICA D'ELREI D. SEBASTIÃO**, de Fr. Bernardo da Cruz, publicada por A. Herculano e o Doutor A. C. Paiva, Lisboa, na Imp. de Galhardo & Irmãos, 1837 XV-446 pp.
- **ANNAES DE ELREI DOM JOÃO TERCEIRO**, de Fr. Luiz de Sousa, publicados por A. Herculano. Lisboa, Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1844 XXIII-469 pp.
- **PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA / A SAECVLO OCTAVO POST CHRISTVM VSOVE AD QVINTVMDECIMVM**, Iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita. Olisipone, Typis Academicis.
 - **SCHIPTORES**, volumen I, 1856 XXVII-420 pp.
 - **LEGES ET CONSUETUDINES**, volumen I, 1856 XIV-939 pp.
 - **DIPLOMATA ET CHARTAE**, 1867 VIII-564 pp.
 - **INQUISITIONES**, volumen I, 1888 287 pp.

Vice-Presidente da Academia das Ciências e Presidente da Segunda Classe, Herculano iniciou as suas pesquisas em 1853 e, entre 1856-1873, dirigiu pessoalmente a publicação deste importante repertório documental. A quarta parte foi editada por João Pedro da Costa Basto, que dirigiu a coleção de 1883 até 1898. Há uma tradução das notas de Herculano, feita por Manuel Bento e revista por Artur Bivar: Subsídios para a História do Direito Português (Notas dos "Portugaliae Monumenta Historica"). Lisboa, União Gráfica, 1941 107 pp.

BIBLIOGRAFIA SOBRE HERCULANO

Biografia e estudos críticos diversos

- Academia das Ciências de Lisboa, "Centenário do Nascimento de Alexandre Herculano. Discursos Pronunciados na Sessão Solene de 28 de Março de 1910". Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1910
- AGOSTINHO, José, **Alexandre Herculano**. "Os Nossos Escritores", V. Porto, Casa Editora de Antonio Figueirinhas, 1910, 310 pp.
- ARANHA, Brito, **Dicionário Bibliográfico Português**. Estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil, continuados e ampliados por . . . e com amplo estudo crítico acêrca da obra monumental de Alexandre Herculano por J. J. Gomes de Brito. Tomo 21 (14º do supl.). Lisboa, Imprensa Nacional, 1914, 700 pp. ("Alexandre Herculano. Algumas Notas Acerca da sua Vida, das suas Obras Históricas, Críticas e Políticas, e do seu Centenário em 1910", pp. 1-344)
- Arquivo Histórico Português**, vol. VIII, nºs 3 e 4. Lisboa, março/abril 1910 (número dedicado à memória de Alexandre Herculano)
- BARBOSA, Rui, **Discurso Sobre Alexandre Herculano**. Bahia, 1877

Eurich,
der Priester der Gothen,
von
Alexandro Herculano.

Aus dem Portugiesischen übersezt

von

G. Heine.

LIBRARIA PORTUGUESA
DE LEITURIA
Rua Luiz de Camões, 30
RIO DE JANEIRO

Leipzig:

F. A. Brochhaus.

1847.

Tradução alemã de grande raridade, da qual o RGPL possui um exemplar.

- Boletim da Real Associação dos Arqueólogos Portugueses, número comemorativo do Centenário de Alexandre Herculano. Lisboa, 1910
- BAIÃO, António, Herculano Inédito. A visita oficial a Coimbra em 1853; Elogios à Universidade e como a Faculdade de Direito lhos retribuiu — Relações com alguns lentes. Sep. de "O Instituto", vol. 115. Coimbra, Tip. da Coimbra Editora, Limitada, 1951 32 pp.
- BRANDÃO, Raul, *Memórias*, vol. I 2ª ed. Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1919 332 pp.
- BRITO, J. J. Gomes de, No Primeiro Centenário de Alexandre Herculano, 28 de Março de 1810 a 28 de Março de 1910. Páginas Íntimas. Lisboa, 1910
- CHAGAS, Manuel Pinheiro, Elogio Histórico do Sócio de Mérito Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo. (15 de junho de 1890) Lisboa, 1890
- CORREIA, Mendes, Alexandre Herculano. Porto, 1910

- Diário de Notícias**, 2.º Caderno, Lisboa, 13 de setembro de 1977 pp. 13-17 ("Como eu via Herculano", Vitorino Nemésio; "Herculano e o País real", Veríssimo Serrão; "O hábito é que faz o monge e também constrói o meio", Manuela de Azevedo; "O lavrador silencioso . . .", Fausto Sacramento Marques; "Uma autocrítica irónica na génese da moderna jesuitofobia", Candido Beirante; "A falsa vida das palavras nas relações de D. Pedro V e Herculano", Fernando Castelo Branco; "Uma Carta de Herculano para os amigos do Tombo", Manuela de Azevedo)
- ENNES, António, "Alexandre Herculano". *O Ocidente — Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Anno 1, nº 1. Lisboa, 1 de janeiro 1878 pp. 1, 2 e 5 ilustr.
- FERREIRA, Costa, *Herculano sob o ponto de vista anthropologico*. 1910
- FORTES, Agostinho, *Alexandre Herculano. Breve esboço de sua vida e obras por . . .* (Commemoração do 1.º centenário do nascimento do grande historiador português). Lisboa, Edição da Empreza da Bibliotheca d'Educação Nacional, 1910 253 pp.
- LIMA, Jayme Magalhães, *Alexandre Herculano*. Coimbra, 1910
- LIMA, Magalhães, *Episódios da minha vida*. Lisboa, 1925
- MENDES, Manuel, *Breve Perfil de Herculano*. Conferência. Pôrto, Biblioteca Fenianos, 1945 55 pp.
- NEMÉSIO, Vitorino, *A Mocidade de Herculano até à volta do Exílio (1810-1832)*. 2 vols. Lisboa, Livraria Bertrand, 1932-34 XXXII-408 e 310 pp.
- O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 de setembro de 1977, p. 12; e "Suplemento Cultural", nº 49, 18 de setembro de 1977, pp. 1-9. ("Homem teimoso e insubmisso, além de escritor e historiador", Cremilda de Araujo Medina; "Herculano e Vale de Lobos", Joaquim Veríssimo Serrão; "A génese da nacionalidade portuguesa", Fernando Castelo-Branco; "Romântico ou liberal?", Francisco da Gama Caeiro; "A lição do historiador", M. B. Nizza da Silva; "Herculano e o Imperador", João Eduardo R. Villalobos).
- PATO, Bulhão, *Os Últimos Dias de Alexandre Herculano*. Lisboa, Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, 1880 16 pp.
- PATO, Bulhão, *Memórias*. 3 vols. 1894-1907
- PEREIRA, Gabriel, "Jornadas de Alexandre Herculano". *Boletim da Segunda Classe da Academia Real das Sciencias*, vol. 3. Lisboa, 1910 pp. 173-177
- PIMENTEL, António de Serpa, *Alexandre Herculano e o Seu Tempo*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1881 261 pp.
- PINTO, Augusto Cardoso, *Algumas cartas e papéis de Alexandre Herculano*. 1929
- PINTO, Augusto Cardoso, *Alexandre Herculano e "O Trovador"*. *Uma carta do grande historiador*, 1933
- RIBEIRO, Carlos Portugal, *Alexandre Herculano. A sua vida e a sua obra*. 2 vols. Lisboa, 1933-34
- READERS, Georges, *Alexandre Herculano*, 1940
- RODRIGUES, Xavier, *Almanach Luso-Brasileiro*. 1879
- SAMPAIO, Albino Forjaz de, *Alexandre Herculano. A sua vida e a sua obra*. Coleção Patrícia, 1924
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos, "Uma Genealogia Interessante". *Ilustração Portuguesa*, 1.ª série. Lisboa, junho de 1906
- SILVA, Agostinho da, *Alexandre Herculano. "Iniciação — Cadernos de Informação Cultural"*. Lisboa, 1942 22 pp.
- VIANA, Mário Gonçalves, *Alexandre Herculano*. Col. "Figuras Nacionais" nº 5, Pôrto, Editora Educação Nacional, 1937 154 pp.

O literato e o pensador

- (1825-1925). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925 pp. 27-67
- BARROS, João de, "Literatura", in *História de Portugal*, dirigida por Damião Peres, vol. VII. Barcelos, Portucalense Editora, 1935 pp. 679-718
- BITTENCOURT, Liberato, *Psychologia de Alexandre Herculano*. Lisboa, Livrarias Ail-land e Bertrand, 1913 234 pp.
- BRAGA, Theophilo, *História do Romantismo em Portugal – Ideia geral do Romantismo*. Garrett – Herculano – Castilho. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880 515 pp. (A.H., pp. 219-406)
- CARDIA, Mário Sottomayor, *Alexandre Herculano e a Filosofia*. Separata de "O Médico", nº 400. Porto, Tip. Sequeira, Ltda., 1959 9pp.
- CIDADE, Hernani, *Século XIX – A revolução cultural em Portugal e alguns dos seus mestres*. Coleção "Ensaio". Lisboa, Edições Ática, 1961 205 pp. (A.H., pp. 41-91)
- FERREIRA, Alberto, *Perspectiva do Romantismo Português (1834-1865)*. Col. "Textos de Cultura Portuguesa", nº 1. Lisboa, Edições 70, 1971 273 pp.
- FERREIRA, A. M. Gomes, *O estilo de "Eurico, o Presbítero"*. Coimbra, 1945
- FERREIRA, Joaquim, *História da Literatura Portuguesa*. 2ª ed. Porto, Editorial Domingos Barreira, s/d. 1181 pp. (A.H., pp. 775-808)
- FIGUEIREDO, António Leitão de, *Herculano e Döllinger (Contribuição para o estudo das relações literárias luso-alemãs)*. Publicação do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. Coimbra, Coimbra Editora, Ltda., 1938 106 pp.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *Herculano, crítico, poeta e romancista*, Lisboa, 1910
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *Herculano julgado pela bibliografia do seu centenário*. Lisboa.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *História da Litteratura Romantica (1825-1870)*. 2ª ed. rev. "Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes", IV. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1923 324 pp. (A.H., pp. 83-148) – 1ª ed., 1913.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *História dum vencido da Vida*. Lisboa, 1930
- FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal – Estudo de Factos Socioculturais*. 6 vols. Lisboa, Livros Horizonte, 1974 e segs.
- FREITAS, Sena, "A fé de Herculano": *Atlântida – Órgão do Instituto Açoriano de Cultura*, vol. XXI, nº 3. Angra do Heroísmo, maio/junho 1977 pp. 89-94
- LE GENTIL, Georges, *Littérature Portugaise*. Col. "Armand Colin", nº 180. Paris, Librairie Armand Colin, 1935
- LOPES, Óscar; MARTINS, Júlio, *Breve História da Literatura Portuguesa*. Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, 1945 397 pp. (A.H., 293-305 pp.)
- MEDINA, João, *Herculano e a Geração de 70*. Lisboa, Edições "Terra Livre", 1977
- MENDES, João, "Alexandre Herculano e o Complexo de Zaratrusta", *Brotéria*, vol. LXXXIX, nºs 10 e 11. Lisboa, outubro-novembro 1969 pp. 326-341 e 465-478
- MONTELLLO, Josué, "No Centenário de Alexandre Herculano", *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1977 p.11
- MOSE, Gerd, *Les romantiques portugais et l'Allemagne*. Paris, 1937
- NEMÉSIO, Vitorino, *Antero e Herculano*. "Seara Nova", Ano XIII, nºs 406 a 408. Lisboa, 11 de setembro de 1934 pp. 349-353
- NEMÉSIO, Vitorino, *Relações Francesas do Romantismo Português*. Coimbra, Edições da Biblioteca da Universidade, 1936 180 pp.
- NEMÉSIO, Vitorino, *Études portugaises – Gil Vicente. Herculano. Antero de Quental. Le Symbolisme*. Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1938 140 pp. ("Herculano – Um grand romantique européen inconnu", pp. 53-93)

- OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de, **Portugal Contemporâneo**, tomo II. Lisboa, Livraria Bertrand, 1881 466 pp. (A.H., pp. 281-326)
- OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de, **Alexandre Herculano**. "Colecção Horizonte", nº 8. Introdução e notas de Joel Serrão "Colecção Horizonte", nº. Lisboa, Livros Horizonte, s/d 146 pp.
- ORTIGÃO, Ramalho, **As Farpas**. *Chronica mensal da política das Letras e dos Costumes*. 2º Anno, Março a Abril de 1873. Lisboa, Typographia Universal, 1873 pp. 4-24; nova ed. - **As Farpas. O País e a Sociedade Portuguesa**. tomo III (1877) e IX (1873). Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943/4
- PEREIRA, Luís da Silva, "A Imaginação de Alexandre Herculano" *Brotéria*, vol. LXXXV, nº 11. Lisboa, novembro 1967 pp. 515-527
- QUENTAL, Antero de, "Alexandre Herculano", in *Prosas*, vol. II. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926 pp. 296-298 (art. publicado originalmente em *Dois Mundos*, nº 2 Paris, 31 de setembro de 1877)
- ROSSI, G. C., **O Estilo de Alexandre Herculano nas Páginas de "De Jersey a Granville"**, in "Actas do IXº Congresso de Lingüística Românica", II, Lisboa, 1961 pp. 187-198
- SAMPAIO, Albino Forjaz de, **História da Literatura Portuguesa Ilustrada dos Séculos XIX e XX**, publicada sob a dir. de . . . Pôrto, Livraria Fernando Machado, 1942 353 pp. ("Alexandre Herculano. Bibliografia", por Carlos de Portugal Ribeiro, pp. 76-82; "O poeta, o romancista", por Queiroz Veloso, pp. 82-105).
- SAMPAIO (BRUNO), José Pereira, **A Geração Nova**, Porto 1886
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar, **História da Literatura Portuguesa**. 8ª ed. corrigida e actualizada. Porto, Porto Editora, Ltda., 1975 1224 pp. (A.H., pp. 785-808)
- SARAIVA, António José, "Alexandre Herculano e a Geração de 70", *Vértice*, vol. XIII. Coimbra, 1953 pp. 649-651
- SÉRGIO, António, "Alexandre Herculano", in *Ensaio*, tomo III. 2ª ed. Lisboa, Seara Nova, 1936 pp. 161-177
- SOBRAL, Luís da Cruz, **Alexandre Herculano Poeta do Cristianismo**. Conferência proferida no dia do 147º aniversário do nascimento do Poeta. Tomar, Edição da Câmara Municipal de Tomar, 1957 31 pp.
- TEIXEIRA, Maria Teresa Camacho, **O Romance Histórico em Sir Walter Scott e Alexandre Herculano**. (dissertação de licenciatura). Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971
- TRINDADE, Pe. Manuel, **O Padre em Herculano**. Lisboa, 1965
- UNAMUNO, Miguel de, "Herculano en la Religión Ibérica", *O Instituto*, vol. 85. Coimbra.

Polemista e político liberal

- CAMPOS, Fernando, "A Desilusão de Herculano", in *No Saguão do Liberalismo*. 2ª ed. Lisboa, Edições Gama, Ltda., 1944 pp. 35-55
- CARVALHO, Joaquim Barradas de, **As Idéias Polítics e Sociais de Alexandre Herculano**. Lisboa, 1949 232 pp. (2ª ed. corrigida - Lisboa, Seara Nova, 1971)
- COELHO, Adolfo F., **Alexandre Herculano e o Ensino Público**. Lisboa, 1910
- COELHO, António Borges, **Alexandre Herculano**. Colecção "Biografias de Bolso", nº 15. Lisboa, Editorial Presença, 1965 191 pp.
- CORDEIRO, J.A. da Silva, **A Crise em Seus Aspectos Moraes**. *Introdução a uma biblioteca de psicologia individual e colectiva*. Coimbra, F. França Amado - Editor, 1896 429 pp.
- COSTA, D. António da, **O Casamento Civil - Resposta ao Sr. Alexandre Herculano**. 2ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1866 14 pp.

- GUIMARÃES, Querubim do Vale, **Herculano Jurisconsulto**. Aveiro, 1910
- MATOS, Júlio de Melo e, "Alexandre Herculano e a lavoura portuguesa". **Gazeta das Aldeias**, vol. XXIX, nº 747, 24/4/1910
- MEDINA, João, "Alexandre Herculano visto por Oliveira Martins", **Portugal-Informação**, nº 15 - 2ª série. Lisboa, Direcção-Geral da Divulgação da Secretaria de Estado da Comunicação Social, março de 1977 pp. 32-40
- MEDINA, João, "Oliveira Martins crítico de Herculano", **Jornal Novo**, Ano III, nº 706, Lisboa, 1de setembro de 1977 pp. 3 e 6
- MERÉA, Paulo, "O Liberalismo de Alexandre Herculano". **Biblos — Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**, vol. XVII, tomo II, 1941 pp. 733-746
- MOREIRA, Souza, **Alexandre Herculano e o Clero Reaccionario, antes e depois da sua morte**. Porto, Escriptorio da Empreza, 1877 43 pp.
- NEMÉSIO, Vitorino, **Exilados (1828-1832). História Sentimental e Política do Liberalismo na Emigração**. Lisboa, Livraria Bertrand, s/d (1947) 322 pp.
- OLIVEIRA MARTINS, F. A., **Metamorfoses Políticas de Alexandre Herculano**. Lisboa, 1937
- ORTIGÃO, Ramalho, "A emigração segundo Alexandre Herculano. — A emigração forçada. — A emigração voluntária — Qual convém impedir. — Qual convém proteger.", in **As Farpas - O País e a Sociedade Portuguesa**, tomo X. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1953 pp. 77-88
- REBELLO DA SILVA, Luiz Augusto, **Cartas ao Sr. Ministro da Justiça, sobre o uso que faz do pulpito e da imprensa uma fracção do clero portuguez**. Lisboa, Typographia de Manoel José Mendes Leite, 1850 40 pp.
- SARAIVA, António José, **Herculano e o Liberalismo em Portugal. Os problemas morais e culturais da instauração do regime. (1834-1850)** Lisboa, 1949 239 pp.
- SARAIVA, António José, **Herculano Desconhecido (1851-1853)**. 2ª ed. "Obras de António José Saraiva", 4. Lisboa, Publicações Europa-América, 1971 291 pp. — 1ª parte: "Herculano perante a Regeneração", pp. 17-51; 2ª parte: "Documentos", colaboração de Herculano n' **O Portuguez**, pp. 53 e ss. (1ª ed. Porto, Edições SEN, 1952 XLVII-262 pp.)
- SERRÃO, Joel, **Emigração Portuguesa. Sondagem Histórica. Colecção "Horizonte"**, nº 12. Lisboa, Livros Horizonte, s/d 167 pp.

O historiador

- ALMEIDA, Fortunato de, **Alexandre Herculano — Historiador**. Conferência celebrada no Lyceu Central de Coimbra. Coimbra, Imprensa Académica, 1910 33 pp.
- BAIÃO, António, **Homenagem ao Mestre**. I — "Alexandre Herculano na Torre do Tombo", II — "Cartas Inéditas". Coimbra, 1910
- BASTO, A. de Magalhães, "Carvalho e Araújo, 2º Bibliotecário do Pôrto", in **Homens e casos duma geração notável**. Porto, Livraria Progredior — Editora, 1937 pp. 196-203
- BEAU, Albin Eduard, **Considerações sobre Alexandre Herculano e a Historiografia Alemã**. Sep. do "Boletim do Instituto Alemão", vol. VI. Coimbra, Coimbra Editora, Ltda., 1937 31 pp.
- BEAU, Albin Eduard, **O Conceito de História de Alexandre Herculano**. Sep. de "Biblos", vol. XII. Coimbra, Coimbra Editora, Ltda., 1938 32 pp.
- BEAU, Albin Eduard, **Estudos**, vol. II. Coimbra, Coimbra Editora, Ltda., 1964 pp. 137-224 ("Os motivos da historiografia de Alexandre Herculano", "A História na concepção de Alexandre Herculano", "Alexandre Herculano e a historiografia alemã").
- FERREIRA, Tito Lívio, "Alexandre Herculano, o Historiador Solitário." **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, t. LIX. São Paulo, 1961 pp. 71-91

- GOOCH, G. P., *Historia e Historiadores en el Siglo XIX*. Versión española de Ernestina de Champourein y Ramón Iglesia. México, Fondo de Cultura Económica, 1942 pp. 444-445
- LOPES, David, *Os Árabes nas obras de Alexandre Herculano*. "Boletim da Segunda Classe", Academia Real das Ciências, Lisboa, vol. III (1909-10) e IV (1910-11).
- MACEDO, Jorge Borges de, *Introdução à História da Origem e Estabelecimento da Inqui-sição em Portugal*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1975 126 pp.
- MOGUEL, António Sanchez, *Alejandro Herculano de Carvalho*. Estudio critico-historico leido ante la Real Academia de la Historia. Madrid, 1896
- NEMÉSIO, Vitorino, *Alexandre Herculano*. O historiador, in "História da Literatura Portuguesa Ilustrada dos Séculos XIX e XX", publicada sob a direcção de Albino Forjaz de Sampaio. Pôrto, Livraria Fernando Machado, 1942 pp. 105-115
- OLIVEIRA MARQUES, António Henrique de, *Antologia da Historiografia Portuguesa*, Organização, prefácio e notas de . . ., vol. 2. Lisboa, Publicações Europa-América, 1975 pp. 5-23
- SÉRGIO, António "Alexandre Herculano", in *Sobre História e Historiografia*. Coleção "Textos Literários". Lisboa, Seara Nova, 1937
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História Breve da Historiografia Portuguesa*. Lisboa, Editorial Verbo, 1962 pp. 243-258
- SERRÃO, Joel, "Alexandre Herculano", in *Dicionário de História de Portugal*, vol. II. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1965 pp. 433-437
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Alexandre Herculano o Historiador*. Col. "Nossos Clássicos", nº 76. 2ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1977 128 pp. (1ª ed., 1964)
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *A Lição do Historiador*. "Suplemento Cultural" de *O Estado de São Paulo*, ano 1, nº 49. São Paulo, 18 de setembro de 1977 pp. 7-8

F.L.B.S.

* *A biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura possui a maioria das obras aqui relacionadas, tendo figurado na exposição bibliográfica que organizamos de 13 de setembro a 13 de outubro do corrente ano.*